

MÁRIO AUGUSTO

# A SEBENTA DO TEMPO

MANUAL DE MEMÓRIA PARA ESQUECIDOS



BERTRAND EDITORA

# BEM-VINDO AO CLUBE!

Se viu *Os Pequenos Vagabundos* e desejava, ao crescer, ser como o Jean-Loup...

Se, na escola, teve de saber a lengalenga dos caminhos de ferro de Angola ou por onde passava o rio Zambeze em Moçambique – com as mesmas certeza e convicção com que sabia que o Mondego nascia na Serra da Estrela –, e tudo dito naquele sincopado posto em música com que cantarolávamos a tabuada, de cor e salteado...

Se levou umas reguadas da professora ou chorou com a Heidi na televisão...

Se gravou as suas músicas preferidas dos Duran Duran em cassetes de dióxido de crómio da BASF...

Se beijou ou foi beijado(a), agarradinho(a), ao som do *Hotel California* dos Eagles ou do *We're All Alone* da Rita Coolidge...

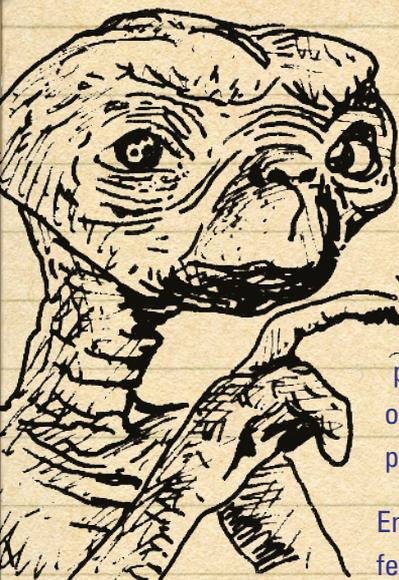
Então talvez encontre utilidade nesta *Sebenta do Tempo – Manual da Memória para Esquecidos*. Porque há um tempo na vida que nunca se pode deixar de evocar. Nem de recordar.

Eu também colecionei os bichinhos dos rebuçados *Vitória*, também fiz carrinhos de rolamentos. Também colecionei os cromos do Sandokan, tal como vi à socapa a edição brasileira da *Playboy*. Lembro-me dos discos pedidos e do folhetim *Simplesmente Maria*, nos gloriosos dias da rádio...

Alguém me explica porque será que, quando tínhamos 15 anos, o verão parecia mais azul? Os nossos verões eram mesmo mais azuis e quentes, as férias grandes eram mesmo grandes, até outubro, já depois da chegada do outono.

Enquanto crescíamos, o ano de 1999 parecia demasiado distante quando víamos a série da televisão que empurrava a Lua para um espaço desconhecido.





Eu sou dos que choraram ao ver o *ET*. Fiquei arrasado quando vi *O Padrinho*, apesar de todos os riscos na película da cópia em exibição. Ia ao cinema em família para rever o *Música no Coração* como se fosse a primeira vez. Ah! E cometi o pecado de ver *Emmanuelle* sem dizer aos meus pais.

Ensaiei os passos de *Staying Alive* na garagem antes de ir a uma festa de amigos.

Escrevi com *BIC Cristal* de escrita normal. Também eu quis ter uma camisola *Thermotebe* devido às fantásticas e únicas propriedades turboelétricas da malha... Turboelétricas?!... Dizia-se cada coisa nesse tempo... E o pior é que acreditávamos sempre, porque enquanto se cresce tudo é novo e somos crédulos.

Fui apanhando as memórias empoeiradas, fui anotando tudo na sebenta do nosso tempo, no manual que é «pró menino e prá menina». Fui trocando os cromos da memória com alguns amigos e, ao contar em casa as recordações, reparei no olhar curioso dos que ouviam. O meu filho, ao ouvir-me, fez uma pausa na consola de jogos só para me dizer, naquele espanto genuíno e espontâneo: «Oh!... Estás a passar-te! Eu já vi isso num filme... Vais dizer-me que também tu estavas lá?»

Estávamos lá todos! Uma geração com memórias, por vezes um pouco esbatidas, mas uma geração que ainda se recorda onde estava no 25 de Abril, um pouco antes e também depois, até chegar à idade adulta em que os «porquês» se desvanecem.

Boa viagem, portanto. Vão pela «sombriinha» do tempo e que cada um acrescente as suas próprias recordações, mesmo as mais secretas, ao que falta a este livro. Porque o que consta da *Sebenta do Tempo* é de toda uma geração.



# O HOMEM QUE DUPLICOU A MINHA MEMÓRIA

Prefácio de José Pacheco Pereira

(Escrito segundo a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico)

Há pessoas para quem a memória é física e são essas as pessoas que têm mais memória. Como se houvesse nos objectos, nas imagens e nos sons que nos tocaram e atravessaram e moldaram uma espécie de *backup* da memória que temos dentro da cabeça.

Para quem pense que são os grandes livros, as grandes tiradas, os grandes objectos, os grandes poemas, as grandes frases, engana-se. São na maioria dos casos os mais triviais dos objectos, as mais baratas e rudimentares imagens, os sons que martelaram milhares de bailes de garagem, as séries televisivas que hoje seriam arqueológicas, os filmes mais maus que bons. É aquilo que é viral connosco, objectos, músicas, cromos, histórias aos quadradinhos, reclames e publicidade, muitas vezes de forma fragmentada, apenas um refrão, meia dúzia de acordes que chegam à cabeça e não a largam, frases feitas que ouvimos ou lemos uma vez e repetimos como se fossem novas. É porque se trata de vírus que nós os repetimos uns aos outros, pegando uma qualquer infecção que vai fazer o outro acordar também com os mesmos acordes, dizer a mesma frase feita quase automaticamente, e infectar outro e outro. Os vírus são assim, pequenos e sempre prontos e encontrar outro corpo, outra cabeça. E os vírus do nosso tempo são muito do nosso tempo, atrás havia outros, à frente já há muitos mais. Por isso os nossos vírus definem-nos a vida, são eles que dão identidade às gerações.

E começamos muito cedo a ser infectados. É na infância e na adolescência, de forma diferente, mas igualmente intensa, que o nosso corpo e a nossa mente se abre a essa multiplicidade de sensações que fazem a nossa identidade comum. Depois envelhecemos e ficamos mais complicados e *choosy* – a palavra em inglês é mais perfeita –, mais difíceis de agradar e menos infectáveis pelos vírus à volta. Tem vantagens e inconvenientes, não sei bem em que percentagem. Mas a vida acaba por ser mais aborrecida, com excepção da perene e incessante curiosidade dos entes cuja memória física nunca acaba, como o Mário Augusto e eu, que sou do mesmo clube.

Quando lia o livro do Mário, página a página, temia – uma metáfora – a possibilidade de este homem estar dentro da minha cabeça. Como é tudo tão igual! Se tivesse tempo valia a pena fazer um ensaio sobre esta similitude de olhar. Eu recordo-me das sameiras (sou do Porto, no Porto não há caricas), dos Dinky Toys, do *Cavaleiro Andante*, do *Blake e Mortimer*, dos pirolitos de bolinha, dos cornetos, das cadernetas de cromos sobre as raças humanas, os trajes de todo o mundo, as bandeiras, os aviões, a última página do *Primeiro de Janeiro* com o *Reizinho*, a chegada do homem à Lua, parece tudo tão igual. Na televisão é tudo o mesmo, a *TV Rural* – mas por que raio é que víamos a TV Rural! –, a *Gabriela*, o *Bonanza*, os *Marretas*, o *Espaço: 1999*, o *Zip-Zip*. Nos livros era o Sandokan, o pirata da Malásia, no cinema os primeiros filmes de *kung-fu*, e recordo-me bem como a sala do Éden veio abaixo quando, de surpresa, as plateias masculinas, muito *lumpen*, viam o primeiro golpe de uma coisa que nunca se tinha visto por cá.

E as máquinas, o *View-Master*, que hoje ninguém sabe o que é, com a estereoscopia das imagens, e que o meu padrinho me tinha oferecido um, trazido do Brasil, e que tinha uma velha cigareira cubana ou boliviana a mascar o seu charuto. E não me lembro de mais nada – estão a ver como é esta memória viral? E depois o *Spectrum*, a verdadeira revolução de possibilidades, cuja versão do Dbase ainda vive hoje, importação a seguir a importação, nas bases de dados que uso. E o *Vicks Vaporub* e...

Vá lá que felizmente que há a *Heidi*, e aí a coisa parou porque nunca engoli a personagem, nem aqueles desenhos animados do *Dartcão* ou dos *Flintstones*. E depois os cinemas não eram todos os mesmos, que alívio. Só faltava que fosse também o *Águia de Ouro*, o *Terço numa tenda*, o *Òdeon*, onde ia com o Júlio Machado Vaz, patrulhados pela sua avó, a Dona Sorge, o *Olimpia* de onde se saía para a rua nos intervalos pela série de portas, o Coliseu monstruoso. Vá lá. Aqui o Mário Augusto andou menos, embora também tenha andado porque o país é pequeno. Assim alguma identidade na diferença sempre existe. Já o Mário está menos na minha cabeça.

Eu e o Mário temos o mesmo tipo de memória física, o mesmo ânimo de coleccionar as coisas e de ter no passado uma enorme lista de fragmentos, vírus em comum. Está visto que vivemos bem com isso, porque se trata mais de memória do que de nostalgia. Os colecionadores são combatentes contra a morte, o olhar que têm é determinado pela fragilidade das coisas que juntam. E sabem muito bem o que é o tempo, que, na frase de Ovídio, «tempus edax rerum», «come as coisas». Pois a gente dá-lhe muito que comer para ele se distrair.



**Pallino**  
ICE-CREAM COBERTO C/CHOCOLATE



**2\$50**

**Rain**





# LAMBARICES E GULOSEIMAS

Não me lembro de nos preocuparmos muito com corantes nem com conservantes. Para nós, uma «chicla» era para saborear até ao fim. E, se caía ao chão, dava-se um sopro rápido para assustar os micróbios e voltarmos a mascar. Como diziam os mais velhos, «o que não mata, engorda», e a camaradagem infantil permitia dividir uma chiclete já mascarada sempre que um colega pedia.

Nos refrigerantes também não havia a variedade de hoje, mas bem nos lambuzámos com os desse tempo, que tinham piquinhos e muito açúcar. Fomos cobaias das primeiras grandes campanhas publicitárias dessas bebidas adoçadas e não resistimos ao primeiro gole de *Coca-Cola*, que rapidamente nos baralhou o paladar tão tradicional das gasosas.

Ah, e ainda me lembro dos gelados *Rajá*, que comia a correr, no verão, muito sôfrego, pela vontade de saber que prémio me reservava o pau do gelado.

Quem nunca fez um furinho na caixa da Regina que levante o braço!

# OLHA O BALÃO!

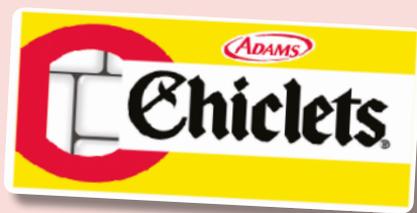
Ainda andei algum tempo em ensaios, com muitas chicletes a rebentarem-me na cara, até conseguir fazer balões como deve ser. A técnica não era fácil. Tudo muito bem mastigado, um jeitinho de língua, soprar devagar e fazia-se uma bola quase perfeita. No recreio da nossa escola da primária, eu era quem mais treinava. Os ensaios mais arrojados acabavam com o barulho do balão a rebentar – *pofff!* – e, na cara, uma máscara de tom avermelhado. Quando aquela película pegajosa das *Piratas* se colava ao rosto, era como cola. Se a pastilha caía ao chão, não fazia mal: soprava-se e toca a mascar de novo, pois não se podia desperdiçar os 25 tostões que cada uma custava.

As chicletes são ainda hoje das guloseimas mais apetecíveis para as crianças, e as que cresceram na década de 60 e 70, sem grande variedade de marcas e sabores, deliciavam-se com o que havia. As primeiras sabiam a morango. Mais tarde, apareceu o sabor a banana. Eu tinha sorte porque, no correio, de vez em quando, vinham, enviados pelos meus tios emigrados no Canadá, uns brindes e novidades. Foi assim que conheci umas pastilhas elásticas em folhas que diziam *chewing gum* na embalagem. Eram fixes: deixavam a boca fresquinha, por causa do mentol.

Pode agora parecer estranho, mas, naquele tempo, a solidariedade entre a malta mais pequena dava por vezes para ceder ao pedido de colegas mais próximos: «Vá lá... Dá-me um bocadinho da tua "chicla".» Porque amigo é amigo, lá se esticava a pastilha e, com os dedos, muitas vezes sujos da brincadeira, cortava-se a meio e toma lá, meia dose de «chicla» para um amigo.



As pastilhas *Piratas* eram rijas, difíceis de mastigar, tinham muitos corantes e o sabor morria logo. As *Gorila* (que apareceram em 1968), marca que ainda hoje resiste e se modernizou, eram mais elásticas, menos duras, melhores para fazer balão.



Já as *Super Gorila*, que surgiram mais tarde, davam uma trabalhadeira a mastigar... mas os balões que saíam eram gigantescos!

Nesses tempos, tínhamos um truque para emprestar uma corzinha às pastilhas brancas que consistia em juntar-lhes os bicos dos lápis de cor e mastigar bem. Agora acho que aquela mistura, se não era tóxica, seria pelo menos pouco recomendável, mas, sinceramente, não me lembro de alguma vez me ter doído a barriga por causa disso...

## RECORDAÇÕES DO PIRATA



As pastilhas *Piratas*, de produção nacional, fabricadas em Évora, eram as mais conhecidas. A sua popularidade vinha de boas campanhas de publicidade e de umas quantas iniciativas promocionais inteligentes. Refiro-me, claro, às coleções de cromos, à revista juvenil mensal *O Pirata*, que foi lançada com enorme êxito em 1965 e que durou 14 anos, e ao Clube Pirata, que chegou a ter quase 100 mil sócios num tempo em que a ligação a um clube que não o de futebol era pouco vulgar.

As cadernetas dos cromos das pastilhas *Piratas* ficaram-nos na memória. Guardo ainda os cromos de *Aviões a Jacto*, *Os Comboios*, a *Europa Geográfica*, *Política e Económica* e de uma divertida coleção de ilusionismo que ensinava a fazer verdadeiros truques de magia. Já em meados dos anos 70, começámos a receber na compra de uma pastilha elástica uns blocos de impressos para se jogar à batalha naval.

Na revista *O Pirata*, eram famosas, no nosso tempo, as aventuras da *Pirata Milocas* e do *João Balão*, cujas histórias vinham também impressas no papel que embulhava a pastilha. As *Super Gorila* também traziam figurinhas para colecionar no papel de embulho. Pouco tempo depois chegariam, para lhes tirar o lugar, as da caixinha amarela em forma de pastilha: as *Chiclets*, da Adams.

